



A pneumatologia mariana em Edith Stein: O Espírito, o feminino e a maternidade espiritual

Marian Pneumatology in Edith Stein: The Spirit, the Feminine, and Spiritual Maternity

Anderson Moura ^[a] 

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio)

Como citar: MOURA, Anderson. A pneumatologia mariana em Edith Stein: O Espírito, o feminino e a maternidade espiritual. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 01, p. 153-165, jan./abr. 2025. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.17.001.DS10>

Resumo

Este artigo analisa a relação entre o Espírito Santo e Maria no pensamento de Edith Stein (1891-1942), evidenciando Maria como *Theotókos*, protótipo da humanidade em sua inteireza. Para Edith Stein, a interação entre o Espírito e o feminino coloca Maria em uma dimensão espiritual, desde sua “recepção do Espírito” (Lc 1,35) até sua “presença orante no Cenáculo” (At 1,14), vinculando-a ao Espírito que “ressuscita os corpos” (1Cor 15,42-45), alinhado-a à “mulher que serve o Senhor na maternidade espiritual” (LG 53-54; 56; 60-62). O estudo, baseado em pesquisa bibliográfica, investiga como essa relação revela a maternidade de Maria como um “ícone da feminilidade e fecundidade do Espírito Santo”, explorando fundamentos bíblicos, patrísticos e as abordagens fenomenológicas de Edith Stein. A ação do Espírito Santo em Maria revela sua força interior e a contribuição da mulher para a vida comunitária e para a história da salvação, enriquecendo a reflexão teológica sobre o feminino e o papel da mulher no plano divino.

Palavras-chave: Espírito Santo. Maria. Edith Stein. Fenomenologia do feminino. Maternidade espiritual.

^[a] Mestre em Teologia para Faculdade Católica de Pernambuco (UNICAP), e-mail: christo.moura@hotmail.com

Abstract

This article analyzes the relationship between the Holy Spirit and Mary in the thought of Edith Stein (1891-1942), highlighting Mary as Theotokos, the prototype of humanity in its entirety. For Edith Stein, the interaction between the Spirit and the feminine places Mary in a spiritual dimension, from her “reception of the Spirit” (Lk 1:35) to her “prayerful presence in the Upper Room” (Acts 1:14), linking her to the Spirit who “raises the dead” (1 Cor 15:42-45) and aligning her with the “woman who serves the Lord in spiritual maternity” (LG 53-54; 56; 60-62). The study, based on bibliographical research, investigates how this relationship reveals Mary's maternity as an “icon of femininity and the fecundity of the Holy Spirit,” exploring biblical, patristic foundations, and Edith Stein's phenomenological approaches. The action of the Holy Spirit in Mary reveals her inner strength and the contribution of women to communal life and the history of salvation, enriching theological reflection on the feminine and the role of women in God's divine plan.

Keywords: *Holy Spirit. Mary. Edith Stein. Phenomenology of the Feminine. Spiritual Motherhood.*

Introdução

Este artigo analisa a relação entre o Espírito Santo e Maria no pensamento de Edith Stein (1891-1942), a partir de suas reflexões sobre a pessoa humana e as conferências sobre a mulher. Para Stein (1999, p. 273), a ação pneumatológica coloca Maria em uma dimensão espiritual, iniciando com sua “recepção do Espírito” (Lc 1,35) e estendendo-se até sua “presença orante no Cenáculo” (At 1,14). Essa relação reflete a profunda vinculação de Maria ao Espírito Santo, que ressuscita e transforma espiritualmente os corpos (1Cor 15,42-45) (Stein, 1999, p. 218). O pensamento de Stein (1999, p. 222) sublinha o serviço da mulher ao Senhor na maternidade espiritual, conceito também enfatizado pela *Lumen Gentium* (LG 53-54, 56, 60-62),¹ que vê Maria como modelo de serviço e cooperadora no plano divino.

Este estudo, fundamentado em pesquisa bibliográfica, parte da hipótese de que Maria, mãe de Deus, realiza de forma escatológica o feminino, sendo templo do Espírito Santo (Stein, 1999, p. 218-221). A pesquisa investiga os fundamentos bíblicos e patrísticos dessa relação, analisando como a teologia de Edith Stein ilumina a importância da mulher na história da salvação e sua contribuição nas questões contemporâneas. Segundo Stein (1999, p. 106), Maria vai além da figura materna tradicional, destacando sua força interior e participação ativa no plano divino. Essa abordagem teológica amplia a compreensão da maternidade e feminilidade, ressaltando a ação do Espírito Santo na vida da mulher (Stein, 1999, p. 261).

Edith Stein (1999, p. 218) vê em Maria o protótipo da alma feminina plenificada, um modelo de virtude, força interior e espiritualidade. Para ela, Maria não é apenas a Mãe de Jesus, mas um ícone de como a mulher deve se abrir à ação do Espírito Santo para cumprir sua vocação espiritual. A relação de Maria com o Espírito Santo serve de base para uma reflexão teológica sobre o papel da mulher na Igreja e no mundo, mostrando como as mulheres podem ser instrumentos de graça e transformação (Gebara; Bingemer, 1988, p. 54-55). Este artigo visa aprofundar a compreensão do papel teológico e espiritual da mulher, conforme proposto por Edith Stein, e contribuir para uma reflexão teológica mais abrangente sobre o feminino.

Dados escriturísticos e patrísticos da relação entre o Espírito Santo e Maria

A relação entre o Espírito Santo e Maria, fundamentada em Gl 4,4-7, nos “Evangelhos da Infância” e em At 1,14, é central na teologia cristã e explorada pelos Padres da Igreja, destacando a missão de Maria na história da salvação (LG 65). A ação do Espírito une ao Pai e ao Filho, estabelecendo um vínculo de unidade e caridade divina, configurando um êxodo de Deus em direção à salvação eterna (Boff, 1983, p. 114). Sua esponsalidade se manifesta na união com o Pai, acolhendo o Filho e participando da fecundidade do Espírito (Forte, 1985, p. 224).

Embora mencionada com menos frequência no NT, Maria desempenha papel essencial no plano salvífico, refletindo momentos-chave da salvação: a Encarnação (Lc 1,35), a Cruz (Jo 19,25-27) e Pentecostes (At 1,14) (Valentini, 2007, p. 21). No AT, é prefigurada em Gn 3,15 e Is 7,14, apontando para Cristo (Hauke, 2021, p. 30-31). As “prefigurações marianas” (Valentini, 2007, p. 26-27) revelam sua preparação moral, tipológica e profética, comparando-a com figuras como Miriam, Débora, Judite e Ester, que também desempenham papéis importantes na ação divina.

Maria, envolvida pelo “poder do Altíssimo”, está unida à história da salvação, sendo o Espírito Santo o elo de nupcialidade divina, estabelecendo uma “cristologia do Espírito” (Forte, 1985, p. 20). O Espírito, como vínculo eterno de amor entre o Pai e o Filho, une-os à humanidade (Boff, 1983, p. 111). Esse vínculo da aliança se estende a Jesus e o Pai, bem como aos homens e Deus, no mistério da “*pericorese*” e na Igreja

¹ As chamadas indicam a sigla da Encíclica (*Lumen Gentium*) e o parágrafo correspondente (Paulo VI, 1964).

(Forte, 1991, p. 221). Como arca da aliança e Esposa escatológica, Maria está ligada ao Espírito derramado sobre ela e o novo povo de Deus, realizando a nova aliança em Cristo (Forte, 1991, p. 221).

A presença do Espírito Santo em Maria, para Boff (1983, p. 103-110), é um encontro de liberdade, amor e resposta, tornando-a Mãe ao acolher o plano divino (Boff, 1983, p. 115). Forte (1991, p. 223-224) vê essa relação sponsal como a nova aliança, respeitando a divindade de Deus e a liberdade humana. O Espírito une Maria ao Pai e ao Filho, criando um vínculo de unidade e caridade divina, com a salvação eterna como fim (Boff, 1983, p. 114). Forte (1991, p. 224-225) destaca a sponsalidade de Maria no Espírito, gerando fecundidade espiritual: “O Espírito faz de Maria a Esposa, tornando-a Virgem Mãe do Filho e dos Filhos”.

A relação entre o Espírito Santo e Maria em Gl 4, 4-7: “nascido de mulher”

O escrito paulino, datado entre 54-57 d.C. e enviado às comunidades da Galácia (Gonzaga, 2019, p. 1195), não menciona diretamente Maria, mas oferece uma “referência implícita à Mãe de Jesus” (Stock, 2006, p. 197). Embora ausente explicitamente, é uma das primeiras expressões mariológicas do NT, relacionando mariologia e cristologia e destacando o papel histórico-salvífico de Maria (Bonnard, 1953, p. 86). As afirmações de Paulo colocam a “mulher” no centro do desígnio cristológico, trinitário e eclesial, ressaltando seu papel na liberdade dos filhos de Deus e na obra redentora de Cristo (Bonnard, 1953, p. 86; Dunn, 1993, p. 215).

Segundo Valentini (2007, p. 37), o texto de Gálatas revela a ação trinitária na salvação de forma integrada, destacando a iniciativa do Pai, que envia o Filho e o Espírito Santo. O envio do Filho, “nascido de mulher”, pelo Espírito Santo, visa a realização da filiação divina (Zerwick, 1965, p. 76), permitindo à humanidade torne-se filha de Deus (Fitzmyer, 1985, p. 52-53). Esse movimento restaura a humanidade à sua dignidade, superando a subordinação à Lei — problemática levantada pelos judaizantes (Gonzaga, 2015, p. 445) — e oferecendo a graça da filiação por meio de Cristo (Gl 4,4-7) (Ferreira, 2005, p. 130).

Gálatas 4,4-7 alude a Maria ao afirmar que o Filho foi “nascido de mulher”, destacando a encarnação do Filho de Deus (Fitzmyer, 1985, p. 53). Embora pré-existente (Jo 1,1), o Filho assume a “fragilidade humana” (Vanhoye, 2000, p. 107), tornando-se mortal como todos os homens (Ferreira, 2005, p. 130). Maria garante a humanidade do Senhor (Ratzinger, 2014, p. 2), sendo sua maternidade, o elo entre céu e terra, onde a eternidade irrompe no tempo (Ratzinger, 2014, p. 2). Paulo enfatiza a ação divina que une o eterno ao temporal, destacando a vontade do Pai na salvação (Perry; Kendall, 2015, p. 15).

O Espírito Santo e Maria nos Evangelhos da Infância

Os “Evangelhos da Infância”, encontrados nos relatos de Mateus (Mt 2) e Lucas (Lc 2,1-40), são *proclamations pascais* que, embora descrevam o nascimento de Jesus, apontam para sua ressurreição e obra salvífica (Valentini, 2013, p. 24). Valentini (2013, p. 15-16) destaca que esas narrativas projetam sobre a infância de Jesus a glória do ressuscitado, ligando sua origem humana e divina ao mistério da Páscoa. A pregação cristã sobre a morte e ressurreição de Cristo (1Cor 15,3-4) influenciou a compreensão da encarnação, e os “Evangelhos da Infância” refletem essa catequese cristológica (Brown, 2005, p. 35), mostrando a salvação desde a concepção de Jesus.

Segundo González (1990, p. 32-33), os “Evangelhos da Infância” não são mitológicos, mas uma interpretação teológica dos eventos do nascimento de Jesus, iluminados pelas promessas do AT. Brown (2005, p. 44-46) argumenta que Mateus e Lucas, embora independentes, compartilham uma tradição comum, cada um com sua perspectiva teológica e fontes originais. Os evangelistas não desenvolveram uma teologia explícita do Espírito Santo como a terceira Pessoa da Trindade, mas o retratam como o “sopro da vida” dado por Deus (Sl 104,30), refletindo sua ação na salvação desde a encarnação até a manifestação de Jesus como Messias (Brown, 2005, p. 148).

Nos primeiros capítulos do Evangelho de Mateus, o autor apresenta Jesus como “herdeiro das promesas” do AT (Brown, 2005, p. 57), estruturando a narrativa em três partes: genealogia (1,1-17), anúncio a José (1,18-25) e a perseguição de Herodes (2,1-23), todas destacando sua descendência davídica e o cumprimento das promessas de Deus (Valentini, 2007, p. 71-77). Boff (2004, p. 41) e Valentini (2013, p. 99) afirmam que a concepção virginal de Jesus em Mateu é um ato “pneumatológico”, realizado pelo Espírito Santo, confirmando sua origem divina. A genealogia, ao quebrar o padrão tradicional, destaca a ação imprevisível de Deus, com Maria sendo um “ícone” dessa intervenção (De Fiores, 1992, p. 68-69). Assim, como afirmam Gebara e Bingemer (1987, p. 73), a concepção de Jesus em Mateus une Jesus ao povo de Israel e a Deus, por meio do Espírito Santo.

O Evangelho de Lucas destaca Maria como a mulher de fé representando o povo fiel de Israel (Serra, 1984, p. 135). Sua concepção virginal, obra do Espírito Santo, cumpre as promessas do AT, tornando-a a “Filha de Sião” que acolhe com humildade o plano de Deus (Serra, 1984, p. 134). A renovação da Aliança, simbolizada pela presença divina sobre ela (Lc 1,34), remete à experiência no Sinai com Moisés (Travaglia, 2011, p. 101). A “nuvem” (Lc 1,34-38) sobre Maria representa a ação do Espírito Santo e o cumprimento das promessas messiânicas (Craghan, 2012, p. 120; Moltmann, 2011, p. 41).

Atos dos Apóstolos

A última referência bíblica a Maria está em Atos 1,14, onde ela ora com os discípulos no Cenáculo, conectando-se ao Pentecostes (At 2,1-36). Serra (1984, p. 196-199) destaca o paralelismo entre a Anunciação e Pentecostes, relacionando o Espírito Santo e Maria à encarnação do Verbo, conceito que descrito por Forte (1991, p. 221) como “cristologia do Espírito”. Para Forte (1991, p. 221-222), o Espírito que gerou Cristo em Maria também age no Cenáculo, formando a Igreja. Perry e Kendall (2015, p. 18) enfatizam que Maria não foi apenas receptáculo, mas cooperadora ativa na salvação.

Forte (1991, p. 221) afirma que a relação de Maria com o Espírito Santo vai além da concepção virginal, incluindo sua união com a comunidade no Pentecostes. A Igreja, segundo Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (EN 82) e *Lumen Gentium* (LG 59), reconhece Maria como intercessora na oração pela vinda do Espírito. Bartosik (2013, p. 317-318) a vê como mediadora do Espírito Santo na vida da Igreja, enquanto González (1990, p. 325-329) destaca a oração *Sub tuum praesidium*, como símbolo de sua imagem como mulher de oração desde o século III.

A relação entre o Espírito Santo e Maria nos Santos Padres

A doutrina cristológica dos Santos Padres destaca Maria no mistério da Encarnação, não apenas como Mãe de Jesus, mas como aquela que, ao acolher o Verbo, é purificada e santificada pelo Espírito Santo. João Paulo II, na *Redemptoris Mater* (RM 13),² afirma que Maria, receptáculo do Verbo, é modelo da Igreja, representando a santidade e fidelidade que ela deve cultivar. A conexão entre Maria e a Igreja é simbolizada pela expressão “Maria significa Igreja” (RM 4-5), evidenciando sua colaboração ativa na salvação, capacitada pela graça do Espírito Santo (Toniolo, 1984, p. 17-18).

A teologia patrística destaca que a encarnação do Verbo foi obra do Espírito Santo, como enfatizado por Inácio de Antioquia, que afirma que Jesus foi gerado “pelo Espírito Santo” (Pons, 1998, p. 43). O Concílio de Constantinopla (381) reafirmou esse mistério trinitário, confirmando que a virgindade de Maria

² As chamadas indicam a sigla da Encíclica (*Redemptoris Mater*) e o parágrafo correspondente (João Paulo II, 1987).

representa a “plenitude do dom de si”, uma obediência total ao projeto divino (Toniolo, 1984, p. 17-18), fazendo dela o “vaso puro” por onde o Verbo entrou no mundo (Toniolo, 1984, p. 244).

A virgindade de Maria, abordada pelos Padres da Igreja, vai além de uma característica biológica, sendo um sinal cristológico da divindade de Jesus e do novo nascimento do povo de Deus pelo Espírito Santo. Segundo Toniolo (1984, p. 230), sua virgindade reflete a santificação e purificação pelo Espírito, preparando-a para ser mãe do Verbo. Embora sem base exegética, o voto de virgindade de Maria simboliza sua entrega ao plano divino, como modelo de pureza e obediência (Travaglia, 2011, p. 115-116). Ela é um exemplo de castidade, inspirando uma vida de doação total a Deus e ao próximo, sendo modelo de fidelidade ao projeto divino (Toniolo, 1984, p. 230).

A virgindade de Maria, obra do Espírito Santo, ilumina o mistério do batismo, onde a piscina batismal simboliza o “útero virginal da Igreja” que gera filhos de Deus pela ação do Espírito (Langella, 1993, p. 211-212). Assim como Maria concebeu Cristo pelo Espírito, a Igreja, ao administrar o batismo, dá à luz novos membros para a família divina. A analogia entre a virgindade de Maria e a maternidade da Igreja destaca a ação contínua do Espírito na salvação, sendo Maria modelo de obediência e a Igreja mãe na fé (LG 64). A Igreja também é virgem, preservando a fé e sendo fiel ao plano divino (Travaglia, 2011, p. 377), compartilhando com Maria a missão de gerar e nutrir a vida divina.

Aproximações teológicas entre o Espírito Santo e Maria

A relação entre o Espírito Santo e Maria é amplamente expressa em títulos teológicos, como “Templo do Espírito Santo” (Ribeiro, 2024, p. 164), refletindo sua união única com Deus, simbolizada em figuras do AT, como a “arca” (Ex 37) e a “nuvem” (Ex 40, 35), que prefiguram a união entre Maria e o Espírito Santo (Lc 1,34-38). Maria é vista como modelo de união com o Espírito, sendo o “lugar” mais íntimo e pleno de pertencimento a Deus. Sua colaboração no plano de salvação a coloca como um “ícone” da presença divina, refletindo a santidade e a fidelidade que a Igreja deve cultivar (Ribeiro, 2024, p. 164-165).

A relação entre o Espírito Santo e Maria, frequentemente chamada de “Esposa do Espírito Santo”, reflete a união do humano com o divino, vista na tradição patrística e mística cristã como um “matrimônio espiritual” (Amato, 1984, p. 24). Essa união remete à aliança de Deus com Israel (Os 2; Ez 16) e à Igreja como “esposa de Cristo” (Ef 5,22-33). Contudo, o título “Esposa do Espírito Santo” pode gerar desafios teológicos, como a conotação de superioridade masculina.³ Por isso, o Concílio Vaticano II optou por “Sacrário do Espírito Santo” (LG 53) (Bartosik, 2013, p. 324), enquanto teólogos como João Paulo II mantêm a linguagem esponsal, ressaltando o amor de Maria ao Espírito na concepção do Verbo (RM 26).

O Concílio Vaticano II intitulou Maria como “Sacrário do Espírito Santo” (LG 53), destacando-a como o “lugar santo” da Encarnação (Bartosik, 2013, p. 325). Segundo Taborda (2011, p. 34), títulos como “Templo”, “Tabernáculo” e “Santuário do Espírito Santo” evocam a glória divina, prefigurada no AT, como a “Tenda do Encontro” (Ex 29,42). A imagem do Templo de Jerusalém, repleto de Deus, conforme González (1990, p. 276-277), simboliza, portanto, Maria como a “morada de Deus” (Lc 1,35). Langella (1993, p. 32) reforça essa visão, defendendo a virgindade perpétua de Maria e sua função como “Sacrário do Espírito Santo”.

Maria é vista como a “nova arca da aliança”, sendo o “lugar santo” da presença do Espírito Santo, especialmente na concepção de Jesus. Sua visita a Isabel (Lc 1,39-56) remete à translação da arca no AT (2Sm 6,1-11), com a permanência de três meses, refletindo a presença divina. Assim, Maria, ao conceber Jesus, torna-se o novo “lugar de Deus” (González, 1990, p. 193), cheio da glória do Espírito Santo (Lc 1,35).

³ A palavra “espírito” em hebraico é feminina, ao contrário do latim, onde é masculina, e do grego, em que é neutra. A possível conotação de superioridade masculina, pode distorcer o mistério da união de Maria com o Espírito ou sugerir uma analogia de homoafetividade (Stuhlmüller, 2012, p. 89-93).

Serra (2006, p.166-669) amplia essa analogia, destacando a incorruptibilidade de Maria, preservada pela graça divina, refletindo o dogma da Assunção (1950).

A sinergia entre o Espírito Santo e Maria revela a união entre o divino e o humano, destacando-a como modelo de obediência e protagonismo na salvação (Bartosik, 2013, p. 326). Maria, como “lugar da manifestação do Espírito”, é um ícone ativo da presença divina, colaborando com o Espírito no plano de Deus (Pinkus, 1984, p. 281-285). Para Bartosik (2013, p. 329), Maria, como *Pneumatófora* e Ícone do Espírito, tem uma vocação única de colaboração ativa com o Espírito. Sua maternidade reflete a fecundidade do Espírito Santo, gerando graça para a humanidade e tornando-se ícone de beleza infinita, a “Grande Mãe” e *Theotókos* (Ribeiro, 2024, p. 186).

O Espírito e Maria em Edith Stein

Edith Stein (1891-1942), ao desenvolver uma abordagem fenomenológica sobre feminino, aplica esse método à teologia da *Theotókos*, oferecendo uma compreensão profunda da *ipseidade* de Maria (Rus, 2015, pp. 132-133). Para Edith Stein (1999, p. 133), Maria não é apenas um modelo de feminilidade, mas o protótipo da mulher autêntica, transcendente à visão biopsicofisiológica do ser humano. Ela representa o arquétipo da humanidade em sua inteireza, um ser que, ao ser chamada pelo plano divino, se torna colaboradora ativa na obra de salvação. Através do Espírito Santo, Maria aceita e recebe a graça de conceber o Verbo Encarnado, sendo a “esposa” do Espírito e a responsável por trazer ao mundo a salvação divina.

Para Edith Stein (1999, p. 221-222), Maria reflete a plenitude da feminilidade, ressoando com a perfeição da alma de Eva antes do pecado, exemplificando a feminilidade autêntica em sua forma mais pura. Ela se torna o modelo de uma mulher aberta à ação do Espírito, que gera vida divina e se coloca em perfeita união entre o humano e o divino. Dessa forma, Maria não é apenas uma figura passiva no processo salvífico, mas um arquétipo da maternidade espiritual, que, em serviço e fidelidade ao projeto divino, manifesta a comunhão entre o céu e a terra, o humano e o divino.

A fenomenologia do feminino em Edith Stein

Em sua obra *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, Edith Stein (1999, p. 200) oferece uma análise fenomenológica da natureza feminina, integrando uma visão aristotélico-tomista sobre a alma e sua prática existencial. Para ela, entender a natureza feminina é essencial para que a mulher viva em harmonia consigo mesma, indo além da biologia. Sua reflexão desafia o leitor a reconsiderar a missão e identidade da mulher, destacando a importância de compreender e aceitar sua natureza (Stein, 1999, p. 105). A obra visa revelar a integralidade da mulher como ser humano, superando estereótipos sociais.

Edith Stein (1999, p. 105-106) questiona a essência da mulher, destacando sua tríplice natureza (Stein, 1999, p. 252): humana, feminina e individual, que deve ser compreendida em sua totalidade. Ela afirma que, embora as diferenças sexuais sejam necessárias à harmonia social, não implicam desigualdade ou inferioridade entre os gêneros (Stein, 1999, p. 206). Para Stein (1999, p. 222), a mulher vai além do físico, sendo uma essência que envolve interioridade e exterioridade, com sua identidade em constante evolução, exigindo autocompreensão e coragem.

Segundo Edith Stein (1999, p. 206), a relação entre masculino e feminino deve ser entendida como complementar, sem hierarquia. Ela propõe uma antropologia filosófica que reconhece a integralidade da mulher e seu papel em diversas esferas sociais (Stein, 1999, p. 86). A missão feminina envolve o desenvolvimento da “feminilidade, humanidade e individualidade”, superando os papéis tradicionais (Stein, 1999, p. 97). A filósofa destaca a importância da mulher em uma sociedade justa, especialmente na educação e política, com um papel essencial para o bem-estar coletivo (Stein, 1999, p. 252).

Na conferência sobre o *Ethos* das profissões femininas, Edith Stein (1999, p. 56) define o *ethos* feminino como uma atitude constante da alma, refletindo os hábitos que formam a vida profissional como princípio interior. A interioridade da mulher, emergindo de dentro para fora, revela sua identidade e vocação (Stein, 1999, p. 57).⁴ Ela argumenta que a verdadeira identidade feminina vai além de papéis sociais ou estereótipos, sendo uma essência interna à personalidade (Stein, 1999, p. 57-58). Stein (1999, p. 100) também defende que mulheres podem exercer profissões “masculinas” e vice-versa. Sua reflexão sobre o feminino é influenciada pela figura de sua mãe, cuja vivência moldou sua teorização sobre a vocação feminina (Stein, 2018, p. 19-20).

Edith Stein (1999, p. 15) vê a figura da mãe como o ideal da alma feminina, descrevendo-a como uma mulher forte e com vigorosa personalidade, chamada de “ser personalizado” (Stein, 1999, p. 115). Em sua releitura fenomenológica do AT (Pr 31, 10-31),⁵ a mãe torna-se o eixo que unifica sua compreensão do ser humano (Rus, 2015, p. 26). Stein (2018, p. 140-141) usa o arquétipo de Maria para entender a essência feminina, propondo um modelo de alma feminina baseado em sua vocação originária e na formação integral da pessoa, fundamentada na interioridade.

O Espírito, Maria e a vocação feminina

Edith Stein (1999, p. 71; 2004, p. 498) interpreta Maria como *Theotókos*, vendo sua maternidade como um mistério coletivo, interligado à ação do Espírito Santo. Para ela, conforme explica Lima (2020, p. 71), ao aceitar o plano divino, Maria torna-se a morada do Espírito Santo (Lc 1,26-38) e o arquétipo da humanidade, incorporando o plano de salvação. Sua Maternidade Virginal, além de teológica, é uma vivência interior da graça, modelando a mulher pela entrega total a Deus (Stein, 2004, p. 486). Maria interioriza a Palavra e, ao meditá-la (Lc 2,19), assume um compromisso profundo com o Mistério divino (Stein, 1999, p. 11).

Em sua conferência *A vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e da graça* (1999), Edith Stein (1999, p. 75-80) analisa a vocação de ambos em três fases, com base no Gênesis. Na primeira fase, antes do pecado original, homem e mulher compartilham a vocação de serem imagem e semelhança de Deus, dominar a terra e gerar descendência (Gn 1,27). Após a queda, a desobediência altera a vocação original, com o homem lutando pelo sustento e a mulher enfrentando as dificuldades do parto. A terceira fase, representada por Maria e Cristo, marca a redenção, restaurando a ordem perdida, sendo o “sim” de Maria a chave para a salvação da humanidade (Stein, 1999, p. 80).

Edith Stein (1999, p. 218) analisa o paralelismo entre Adão-Jesus e Eva-Maria, conforme Irineu, sob uma perspectiva fenomenológica e antropológica, encontrando a fonte de sentido para o ser humano. Ela destaca o gesto livre de caridade de Cristo, o novo Adão, que se doa mediado por Maria, a nova Eva. A partir da premissa de uma natureza humana perfeita antes da queda, Stein (1999, p. 218) conclui que o protótipo da humanidade perfeita é Cristo, enquanto o protótipo da feminilidade perfeita é Maria, a nova Eva, que representa a plenitude da humanidade realizada. “Temos em Maria as finalidades de toda formação feminina” (Stein, 1999, p. 218-223).

Segundo Lima (2020, p. 72), para Edith Stein, Maria é mais que mãe de Jesus; ela é o protótipo da humanidade no plano divino de redenção, refletindo a esperança do povo de Israel e de toda a humanidade pela salvação (Gn 3,15). Sua maternidade é o elo entre o pecado original e a redenção (Stein, 1999, p. 80-81), prefigurada no AT (Gn 3,15) e revelada em Cristo (Gl 4,4-6) (Gebara; Bingemer, 1998, p. 54-55).

⁴ Edith Stein (1999, p. 57) apresenta a interioridade do ser humano “como um princípio configurador”.

⁵ Dentre outros textos da Bíblia, utilizamos essa citação por razões pastorais, como uma expressão de um texto poético, estético, profético e ético, proclamando a sabedoria personificada no ideal da essência feminina.

A santidade de Maria, preservada do pecado original, simboliza a purificação da humanidade e a elevação do feminino (Stein, 1999, p. 273). Escolhida para ser a mãe do Verbo, Maria, por meio do Espírito Santo, expressa a máxima graça divina, refletindo o mistério da salvação (Lima, 2020, p. 72) e a interdependência entre a mulher, a redenção e a Igreja (Stein, 1999, p. 221).

A reflexão fenomenológica bíblica sobre a maternidade de Maria, segundo Edith Stein (2019, p. 520), revela um aspecto teológico e antropológico do feminino na vida cristã. Stein (1999, p. 105) transcende a visão biopsicofisiológica e descreve a essência e missão da mulher: “O que somos e o que devemos ser”. Com Maria como referencia, propõe uma visão do feminino em comunhão com o masculino, com uma missão tripla: “humanidade, feminilidade e individualidade” (Stein, 1999, p. 221). A mulher, como Maria, é chamada a cumprir seu papel segundo a natureza e a graça, iluminando o mistério do ser humano.

Edith Stein, ao refletir sobre Maria, destaca, em diálogo com os Padres da Igreja, seu papel importante no feminino. Ela observa o paralelismo entre a Anunciação e o Pentecostes, ambos frutos do Espírito Santo, com Maria desempenhando papel ativo. Em Lc 1,35, o Espírito gera o Messias em Maria, e em At 1,8, inicia a Igreja, o novo povo de Deus (Stein, 2019, p. 86). A semelhança entre esses momentos revela a unidade entre o nascimento de Jesus e o da Igreja, com Maria unindo-os no plano biológico e espiritual. Sua maternidade não é isolada, mas se renova no Pentecostes, sinalizando a continuidade de sua missão (Stein, 1999, p. 80-81). No Pentecostes, ela reflete sua total disponibilidade ao Espírito, como destaca Ratzinger e Balthasar (1997, p. 54), simbolizando a ligação entre a Encarnação e a vinda do Espírito (RM 24).

Segundo Edith Stein (1999, p. 219), em Maria se realizam simultaneamente os dois pentecostes: o veterotestamentário e o eclesial. Sua maternidade vai além do ato biológico, sendo um processo espiritual que integra o Corpo Místico de Cristo e a comunidade eclesial, unindo o Filho e sua Igreja e cumprindo as promessas a Israel, sendo a mãe do novo povo de Deus pelo Espírito (Stein, 1999, p. 221-228).

Para Edith Stein (2018, p. 532), Maria é a mulher de fé por excelência (Lc 1,45), vivendo em contínua entrega a Deus (Lc 11,27-28). Seu “sim” no *Fiat* expressa total disponibilidade à vontade divina, iniciando o Reino de Deus na terra com a ação do Espírito Santo, que a capacita a conceber o Verbo Encarnado (Stein, 2019, p. 86). Esse eixo mariológico unifica sua vida, conferindo-lhe plenitude espiritual. Lima (2020, p. 76), seguindo Stein, vê sua maternidade como modelo de espiritualidade encarnada, unindo maternidade e discipulado, e convidando a humanidade a viver a vocação divina (Stein, 1999, p. 63). Assim, Maria, a *Theotokos*, inspira uma vivência espiritual conforme os princípios do Reino de Deus (Stein, 2019, p. 531-532).

Maria como Modelo de Espiritualidade e Vocação Feminina

O arquétipo do *Theotókos*, segundo Edith Stein (2004, p. 486), revela a relação entre Deus e a humanidade, manifestando o mistério divino. Para Stein (1999, p. 66), o amor de Maria, expresso em sua maternidade, é generoso e transformador, refletindo a ação do Espírito Santo (Ap 22,17). Maria torna-se o modelo perfeito de mulher, simbolizando a acolhida e geração da vida divina, enquanto a Igreja, como Corpo Místico de Cristo, compartilha desse acolhimento e fecundidade espiritual (Stein, 2004, p. 488). Assim, o arquétipo mariano é mais que um símbolo teológico; é uma vivência concreta de serviço e doação, refletida no coração da Igreja e dos cristãos (Ratzinger; Balthasar, 1997, p. 109).

A maternidade de Maria, gerada pelo Espírito, é a chave para entender a vocação feminina na Igreja, unindo virgindade e maternidade em santificação e serviço, formando “uma unidade orgânica” (Stein, 1999, p. 14). Maria é o protótipo da feminilidade e modelo da missão de gerar filhos de Deus. Sua figura, como mulher e esposa, deve estar próxima do Espírito, princípio da fecundidade divina (Lc 1,35; Mt 1,18-25), com uma referência mútua de sentido (Stein, 1999, p. 14).

Para Ratzinger e Balthasar (1997, p. 105), Maria, como mãe e discípula, revela o princípio mariano anterior ao ‘princípio petrino’. A Igreja, ao continuar a maternidade espiritual de Maria, estende essa missão à humanidade (Jo 2,19-27). João Paulo II (1995, n. 11) destaca que a união entre os princípios mariano e apostólico orienta a Igreja em sua missão de gerar a vida divina, superando a polarização de papéis e propondo uma compreensão do arquétipo mariano-petrino, visando a plenitude da redenção (Stein, 1999, p. 85). Essa visão amplia o papel feminino e da Igreja como geradoras espirituais da vida divina (Stein, 2014, p. 11).

Na Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* (MD), João Paulo II destaca o papel essencial da mulher no plano salvífico, ressaltando sua crescente inserção na sociedade e desafios na vida eclesial (MD 2-6).⁶ Ele afirma que a mulher, em sua especificidade, tem um papel insubstituível na salvação, sendo “imagem e semelhança” de Deus, refletindo a dignidade da Trindade. O Papa vê a feminilidade como vital para o mundo contemporâneo, caracterizada por maternidade, empatia e amor, complementando o masculino em uma relação de reciprocidade (MD 1).

João Paulo II (MD 4) aprofunda a vocação feminina, destacando Maria como arquétipo da humanidade e “Mulher-Mãe de Deus”. Sua maternidade espiritual transcende o biológico, oferecendo um modelo de plenitude humana, onde a mulher se torna colaboradora na salvação (Stein, 1999, p. 60). A união entre Maria e a Igreja, teológica e antropologicamente, revela a maternidade mariana como princípio espiritual, conectando a humanidade de Deus. Para Edith Stein (1999, p. 60-61), esse arquétipo ilumina a vocação feminina como um caminho de empatia, serviço e amor, fundamentado na dignidade da mulher e sua capacidade de gerar vida.

Considerações finais

A reflexão de Edith Stein sobre Maria e o Espírito Santo destaca o papel feminino na salvação. Maria, como *Theotókos*, simboliza a feminilidade perfeita, não só na maternidade física, mas também espiritual, evidenciando a colaboração da mulher com o plano divino (Stein, 1999, p. 14). A teologia mariana de Stein sublinha o vínculo entre Maria e o Espírito Santo, oferecendo um novo paradigma para entender a missão feminina na Igreja e sociedade, desafiando estereótipos e promovendo uma visão integradora e liberadora.

Edith Stein (1999, p. 221-228), ao relacionar a experiência de Maria à pneumatologia, destaca a mulher como fonte de fecundidade espiritual. Para Stein (2018, p. 532), a mulher é mais que uma função biológica, sendo protagonista na formação humana e espiritual. O arquétipo mariano, modelo de vocação plena, reflete a relação de Maria com Deus e a humanidade. Sua maternidade simboliza a maternidade espiritual, transcendendo os limites biológicos e conectando-se ao mistério da Encarnação.

A análise de Maria no pensamento de Edith Stein vai além da teologia, abordando questões antropológicas e sociais. Stein (1999, p. 221) propõe uma antropologia unitária que integra as diferenças de gênero, apresentando Maria como modelo de vocação feminina, fundamentada na liberdade e participação ativa na salvação. Sua reflexão desafia estereótipos e destaca o papel da mulher como “mãe espiritual, educadora e líder” (Stein, 1999, p. 14), conforme mencionado por Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG 287). Assim, a Igreja, ao ampliar o espaço da mulher, reencontra sua unidade e autenticidade.

⁶ As chamadas indicam a sigla da Encíclica (*Mulieris Dignitatem*) e o parágrafo correspondente (João Paulo II, 1988).

Referências

- AMATO, Angelo. *Lo Spirito Santo e Maria nella ricerca teologica odierna delle varie confessioni cristiani in Occidente*. In: SMI - SIMPOSIO MARIOLOGICO INTERNAZIONALE. Maria e lo Spirito Santo. Atti del 4° Simposio Mariologico Internazionale (Roma, ottobre, 1982). Roma: Marianum, 1984, p. 9-103.
- BARTOSIK, Grzegorz. *Mariologia e pneumatologia: temi condivisi e nodi problematici*. In: CECCHIN, Stefano (Org.). *Mariologia e tempore Concilii Vaticani II: receptio, ratio et prospectus: acta congressus mariologici-mariani internationalis in civitate Romae anno 2012 celebrati*. Città del Vaticano: Pontificia Academia Mariana Internationalis, 2013, p. 299-350.
- BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2015.
- BINGERMER, Maria Clara; GEBARA, Ivone. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2. ed., 1998.
- BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BONNARD, Pierre. *L'Épître de Saint Paul aux Galates*. Neufchâtel: Delachaux et Niestlé, 1953.
- BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CRAIGHAN, John F. Êxodo. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org.). *Comentário bíblico*. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2012, v. I, p. 91-120.
- DE FIORES, Stefano. *Maria Madre di Gesù*. Sintesi storico-salvífico. Bologna: EDB, 1992.
- DUNN, James D. G. *The Epistle to the Galatians*. London: A & A Black, 1993.
- FERREIRA, J. A. *Gálatas: a epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.
- FITZMYER, J. A. O nascimento de Jesus nos escritos paulinos. In: BROWN, R. E.; DONFRIED, K. P.; FITZMYER, J. A.; REUMANN, J. *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus na história*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. 24 de novembro de 2013. São Paulo: Paulus, 2013.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GONZAGA, Waldecir. “Nascido de Mulher” (Gl 4,4). *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 1194-1216, maio/ago. 2019 – ISSN 2175-5841.

GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *Maria, evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: Loyola, 1990.

HAUKE, Manfred. *Introdução à mariologia*. Campinas-São Paulo: Ecclesiae, 2021.

JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*. 15 de Agosto 1988. São Paulo: Paulinas, 1989.

JOÃO PAULO II. *Carta às Mulheres*. 29 jun. 1995 Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii LET_29061995_women.html. Acessado em: 1 de fev. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. *Carta encíclica Redemptoris Mater sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii ENC_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em: 01 de fev. de 2025.

LANGELLA, Alfonso. *Maria e lo Spirito Santo nella teologia cattolica post-conciliare*. Napoli: M. D’auria editore, 1993.

LIMA, Francisco Santos. *Maria no pensamento de Edith Stein: uma abordagem fenomenológica da 2020 obra da a mulher* / Francisco Santos Lima; orientador, Clélia Peretti. – 2020. 153 f.: il.; 30 cm Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. Bibliografia: f. 140-153.

LONGENECKER, R.N. *Galatians*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998. (Word Biblical Commentary 41).

MENDONÇA, Luiz Claudio Azevedo. *A maternidade eclesial de Maria*. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2021.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 8 de dezembro 1975. São Paulo: Loyola, 1976.

PERRY, Tim; KENDALL, Daniel. *A Santíssima Virgem*. São Paulo: Loyola, 2015.

PINKUS, Lucio. *Maria come “simbolo” dell’esperienza cristiana dello Spirito Santo*. Ipotesi e materiali per la compressione psicologico-analitica. In: SIMPOSIO MARIOLOGICO INTERNAZIONALE. *Maria e lo Spirito Santo*. Atti del 4° Simposio Mariologico Internazionale (Roma, ottobre, 1982). Roma: Marianum, 1984, p. 245-290.

PONS, Guillermo. *El Espíritu Santo en los Padres de la Iglesia*. Madrid: Ciudad Nueva, 1998.

RATZINGER, Cardeal Joseph; BALTHASAR, Hans Urs Von. *Maria, Primeira Igreja*. Coimbra: Coimbra, 1997.

RATZINGER, J. *A filha de Sião: a devoção mariana na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2014.

RIBEIRO, Fábio Luiz. *Mariologia Pneumatológica Latino-Americana para uma singular relação entre o Espírito Santo e Maria*. São Paulo: [s.n.], 2024. 344 p. Orientador: José Aguiar Nobre. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia.

RUS, Éric de. *A Visão Educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. [Tradução: Isabelle Sanchis; revisão técnica: Juvenal Savian Filho].

SERRA, Aristide. *Aspetti mariologici della pneumatologia di Lc 1,35a*. In: SIMPOSIO MARIOLOGICO INTERNAZIONALE. Maria e lo Spirito Santo. Atti del 4° Simposio Mariologico Internazionale (Roma, ottobre, 1982). Roma: Marianum, 1984, p. 133-200.

SERRA, Aristide. *La Donna dell'Alleanza*. Prefigurazioni di Maria nell'Antico Testamento. Padova: Edizioni Messaggero, 2006.

STEIN, E. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny, Renato Kirchner; rev. técn. Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: EDUSC, 1999. [Tradução: Alfred J. Keller].

STEIN, Edith. *Escritos Espirituales: en el Carmelo Teresiano: 1933-1942*. V. V.Burgos-Vitoria-Madrid: Ed. Monte Carmelo / Ed. El Carmen/ Ed. de Espiritualidad, 2004. (Organizadores: Francisco Javier e Julen Urkiza).

STEIN, Edith. *Vida de uma Família Judia e outros Escritos Autobiográficos*. São Paulo: Paulus, 2018.

STOCK, K. La Madre del Hijo de Dios (Gl 4,4-5). In: FLECHA, J.-R.; STOCK, K.; MARTÍNEZ PUCHE, J. A. *María, en la Biblia y en los Padres de la Iglesia*. Madrid: Edibesa, 2006. v. 2. (Biblioteca Mariana 1). cap. 2, p. 190-197.

STUHLMUELLER, Carrol. Oseias. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org.). *Comentário bíblico*. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2012, v. II, p. 89-93.

TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministros*. Uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

TONIOLO, Ermano M. *La presenza dello Spirito Santo in Maria secondo l'antica Tradizione cristiana (sec. II-IV)*. In: SIMPOSIO MARIOLOGICO INTERNAZIONALE. Maria e lo Spirito Santo. Atti del 4° Simposio Mariologico Internazionale (Roma, ottobre, 1982). Roma: Marianum, 1984, p. 201-244.

TRAVAGLIA, Giovanni. *E il discepolo l'accolse con sé (Gv 19,27b)*. Il cammino eticospirituale del credente sulle orme di Maria. Padova: Messaggero di Sant'Antonio, 2011.

VALENTINI, Alberto. *Maria secondo le Scritture: Figlia di Sion e Madre del Signore*. Bologna: EDB, 2007.

VALENTINI, Alberto. *Vangelo d'infanzia: riletture pasquali delle origini di Gesù*. Bologna: EDB, 2013.

VANHOYE, A. *Lettera ai Galati*: nuova versione, introduzione e commento. Torino: Paoline, 2000.

ZERWICK, M. *L'Épître aux Galates*. Lyon: Xavier Mappus, 1965.

Editor responsável: Waldir Souza

RECEBIDO: 26/02/2025
APROVADO: 01/04/2025
PUBLICADO: 30/04/2025

RECEIVED: 02/26/2025
APPROVED: 04/01/2025
PUBLISHED: 04/30/2025